

Lições da linha de frente

Diante de uma doença nova e ainda sem cura, os profissionais da Saúde chegam ao limite máximo da indecisão, da preocupação, mas também confirmam seu amor incondicional pela profissão; Conheça uma Nutricionista que conta o que aprendeu e sentiu combatendo a Covid-19

O verdadeiro impacto desta pandemia na vida dos profissionais de Saúde ainda não é conhecido totalmente. Uma coisa é certa: mesmo entre os mais experientes, pairaram dúvidas, medo e desânimo, mas a grande lição disso tudo é fortalecer o afeto pelo outro e sentir crescer o amor pela profissão. Foi o que ocorreu com Adriana Mateus de Campos, Nutricionista que atua em uma Unidade de Terapia Intensiva que cuida de pacientes com coronavírus.

Além de sólida atuação em Hospital, ela também é especializada em Nutrição Esportiva e compõe a diretoria do SindiNutri-SP, que assumiu o Sindicato sob o signo da renovação em março deste ano. Neste bate-papo emocionante, que também teve lágrimas, ela conta um pouco de suas grandes lições na linha de frente desta pandemia.

Adriana, aqui, representa muitos heróis da Saúde que se superam todos os dias para cuidar de nós. Acompanhe alguns trechos do bate-papo.

Como você enxerga o papel do Nutricionista no combate à pandemia?

Começando na enfermagem, a Nutricionista tem um trabalho além, muito humano, pois esses pacientes, por conta do uso de medicamentos, têm uma baixa aceitação de comida. Quando envolve essa questão da falta de paladar, é ainda pior, porque tudo enjoa... Às vezes, foge até um pouco do que realmente a gente tem que ofertar, pois temos que escolher aquilo que ele aceita, o que é melhor que nada. É um trabalho diário porque, se o paciente não se alimenta adequadamente, a gente sabe que a dificuldade de ele se recuperar é muito maior.

Esse paciente fica isolado o tempo todo no quarto, tem a questão que ele não pode ver os familiares... Realmente, é difícil, não tem fórmula mágica... É tentar um dia de cada vez. E dentro da UTI é um pouco diferente, porque são pacientes mais graves, em sua maioria entubados. Então, a Nutrição é feita pela terapia enteral. Tem também a questão da diarreia, das outras complicações, porque esse paciente está instável. Então, são muitas coisas a serem pensadas. Realmente é uma discussão multidisciplinar que a gente tem ali. Trabalhar com esses pacientes é bem mais complicado.

Qual o maior aprendizado que você vai levar desse período?

São muitos os aprendizados. A gente fica até um pouco emocionada porque a gente vê muitos relatos de pessoas que perderam seus familiares... Não é fácil... (choro). Mas, além do aprendizado humano que a gente tem, aprendi que nem sempre aquilo que você aprendeu na faculdade é o que você precisa fazer naquele momento. A gente tem que respeitar as limitações tanto fisiológicas como humanas. Eu digo que a gente precisa olhar pra cada um com todo respeito, independentemente da situação... Eu acho que é muita relação humana na verdade. Precisamos fazer pelo outro como se fosse por nós. Então, a gente tem que se colocar no lugar da família, se colocar no lugar do paciente. O que ele gostaria que você fizesse? Ou como ele gostaria que você o tratasse? Então, eu acredito que foram muitos aprendizados humanos, o afeto, a interação com a equipe... é tudo muito intenso. Aprendi a entender que a Nutrição está muito além de uma ciência. Ela tem amor, tem olhar e cuidado com o paciente.

Como impactou na sua casa o fato de estar na linha de frente combatendo esta pandemia?

Eu moro com os meus pais, que estão perto da

faixa dos idosos, ambos com 55 anos. Meu pai tem histórico de pressão alta e a minha mãe também tem pressão alta e colesterol alto. Nesse período, eu tentei o máximo de distanciamento. Nos dias que eu estava em casa, ficava o máximo de tempo no meu quarto, com o mínimo de contato possível, com medo mesmo de trazer alguma coisa do Hospital, porque infelizmente todo mundo que trabalha em Hospital está sujeito a isso. É chegar em casa, deixar todas as coisas lá fora, fazer toda a higienização, ir direto para o banho, roupa separada... É uma rotina que cansa muito, às vezes você fica realmente de saco cheio, todo mundo fica, mas a gente sabe que precisa desse cuidado. Em casa, tudo ficou muito diferente: o contato, a conversa, sempre com muito distanciamento.

Leia a entrevista completa
www.sindinutrisp.org.br

